

O LARGO E A TRAVESSA: DICOTOMIAS PONTUAIS E HARMONIAS CONTEXTUAIS NO CENTRO, RIO DE JANEIRO

THE SQUARE AND THE ALLEY: PUNCTUAL DICHOTOMIES AND CONTEXTUAL HARMONIES IN DOWNTOWN RIO DE JANEIRO

Denise de Alcântara

Arquiteta M.Sc., doutoranda pelo Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROARQ-FAU-UFRJ.

e-mail: deal.rlk@terra.com.br

RESUMO

Este artigo visa apresentar a análise de dois importantes espaços públicos do centro do Rio de Janeiro: a praça XV (antigo largo do Paço) e a travessa do Comércio. A partir do levantamento dos aspectos da morfologia e da paisagem urbana e das transformações ocorridas em seu processo evolutivo – sempre incorporando o olhar cognitivo do pesquisador – são relacionadas suas principais dicotomias e os aspectos funcionais e espaciais das duas áreas. O objetivo é traçar um perfil desses ambientes urbanos, cujo significado, identidade e atração perante a população usuária determinam sua importância e seu sentido de *lugar*. O método de análise desenvolvido será utilizado como piloto para o estudo de outros recortes da área central histórica abrangida pelo Projeto Corredor Cultural, ao longo da pesquisa doutoral.

Palavras-chave: Morfologia, requalificação, apropriação, sentido de lugar, paisagem urbana.

ABSTRACT

This article presents the analysis of two important public areas in the center of Rio de Janeiro; praça XV (formerly the largo do Paço) and the travessa do Comércio. From examination of the changes in morphology and urban landscape that have occurred over time it is possible to relate the principal dichotomies and functional and spatial aspects between the two areas – considering the researcher's cognitive view. The main objective is to define the characteristics of these urban areas, in which the significance, identity and user attractiveness determine its importance and sense of place. The analysis method being developed will be used in the study of other historic areas in the Rio de Janeiro Cultural Corridor Project during the current doctoral research.

Key words: Morphology, re-qualification, appropriation, sense of place, urban landscape.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada para a disciplina Arquitetura da Paisagem, ministrada pela professora Vera Tângari, no curso de doutorado do Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro – PROARQ-FAU-UFRJ.

A escolha da área de entorno da praça XV como objeto de análise deu-se em função de sua inserção na área de abrangência do Corredor Cultural – projeto de preservação, revitalização e renovação, implementado pela prefeitura, a partir da década de 1980, com participação da comunidade e da iniciativa privada, em trechos do centro histórico do Rio de Janeiro.

Neste estudo, a partir dos levantamentos de campo realizados entre dois espaços públicos e contíguos – a praça XV e a travessa do Comércio – são indicadas as principais dicotomias e alguns dos aspectos harmônicos entre esses dois trechos da área de abrangência do Corredor Cultural. Assim, podem ser citadas as dualidades: a) uso diurno x uso noturno; b) vazios

x cheios; c) escala monumental x escala humana; d) permanência x transitoriedade; e) tipo x função. Além dessas, destaco outros aspectos dicotômicos marcantes, tais como o perfil de parcelamento do tecido urbano e a relação funcional das edificações.

O desenvolvimento da metodologia de análise sobre esse pequeno recorte do Corredor Cultural servirá de piloto para aplicação do método em outros trechos a serem selecionados na pesquisa de doutorado. Nesta, o ambiente público urbano da área de abrangência Projeto Corredor Cultural vem a configurar-se como estudo de caso e a hipótese é que a incorporação do *olhar cognitivo* – cuja premissa básica é a abordagem *atuacionista da cognição*, proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch¹ –, contribui para a compreensão da qualidade e do caráter do lugar e a atração exercida sobre a população usuária.

Após a análise da paisagem urbana do entorno da praça XV e de suas características físicas e morfológicas, apresentadas neste ensaio, pretende-se dar continuidade à pesquisa, estudando as influências e efeitos sobre a população do ambiente urbano transformado após a implementação do projeto – incorporando-se os conceitos da *cognição experiencial*² – e assim atender à verificação da hipótese apresentada.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

O processo desenvolvido para análise morfológica das áreas escolhidas, destinado ao presente estudo, fundamentou-se no método desenvolvido pela professora Vera Tângari para a disciplina Arquitetura da Paisagem do curso de doutorado do PROARQ-FAU-UFRJ³. A partir de levantamentos e mapeamentos da estrutura morfológica urbana do recorte proposto e da análise histórico-evolutiva de ocupação e transformação da paisagem urbana, pude identificar as dicotomias e aspectos relevantes existentes entre as duas áreas selecionadas.

Autores como Flávio Villaça⁴ e Maurício de Abreu⁵ forneceram ricos subsídios históricos sobre o processo evolutivo e os aspectos socioculturais e econômicos que determinaram a atual configuração da cidade. A sistematização da leitura da paisagem urbana foi baseada nos trabalhos de Gordon Cullen⁶ e Kevin Lynch⁷ por meio dos conceitos de *townscape* e dos elementos estruturadores da imagem mental e do caráter e identidade do lugar. José Lamas⁸ e Vicente del Rio⁹ forneceram os conceitos e subsídios em relação à morfologia e ao desenho urbano. Foi recuperada, ainda, a experiência adquirida ao longo da pesquisa de mestrado sobre a qualidade do lugar no Parque Guinle¹⁰, na qual foram desenvolvidos e aplicados alguns dos instrumentos de análise aqui utilizados.

Finalmente, puderam ser agregados à pesquisa os estudos sobre a *cognição experiencial*¹¹ que pressupõe a incorporação da experiência humana à ciência, para explicar e entender as razões dos fenômenos – não apenas no âmbito de representação, mas, principalmente, no âmbito intersubjetivo, ou seja, entre o sujeito e o meio. Nesse sentido, o pesquisador atua como observador incorporado ao ambiente e deixa-se influenciar por este, ao mesmo tempo em que sua presença consciente, atuante e incorporada interfere no ambiente, por meio de um entrelaçamento indissociável entre o corpo – e suas capacidades sensório-motoras –, a mente –, com toda sua bagagem cultural, suas emoções e sentimentos – e o meio – com seus estímulos físicos e imagéticos.

LOCALIZAÇÃO E SUPORTE FÍSICO

Localizada na área central da cidade, a área escolhida para o estudo é de grande interesse por sua importância histórica – pois serviu de palco para eventos como a chegada da família real no início do século XIX – e pela significativa presença de marcos e edifícios que remontam aos períodos colonial e republicano da evolução da cidade.

Configura uma área intensamente urbanizada e de alta densidade populacional flutuante, sem uso ou função residencial. Encontra-se inserida próxima ao centro financeiro-administrativo da cidade e está na confluência com importantes corredores viários inter e intramunicipais,



Figura 1:
Mapa parcial do centro do Rio, com a localização macro da área em estudo
Fonte: DIG-SMU – Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2001



Figura 2:
Delimitação em amarelo da área em estudo e hierarquização dos principais corredores viários
Crédito: Desenho digitalizado pela autora sobre orthofoto SMU-PCRJ do centro do Rio



Figura 3:
Vista aérea da praça XV
Crédito: Foto de Jean Pierre Janot



Figura 4:

Vista a partir do mar, tendo ao fundo o skyline das torres e arranha-céus, indicando a proximidade ao centro financeiro da cidade

Crédito: Autora

com farta disponibilidade de transportes urbanos, como ônibus, vans, metrô e barcas – que fazem a ligação, a partir da praça XV, do centro do Rio a Niterói e à ilha do Governador (Figuras 1 e 2).

A área predominantemente plana, com poucas variações significativas de relevo, possui como um de seus limites a baía de Guanabara. Pode ser constatado que a presença da água dessa frente marítima teve sua presença drasticamente reduzida pelas radicais transformações urbanas levadas a cabo ao longo dos séculos XIX e XX, como relatado a seguir (Figuras 3 e 4). Nesse sentido, há pouca ou nenhuma percepção da presença do elemento água e de suas influências ambientais na área em estudo.

EVOLUÇÃO HISTÓRICA E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

O desenvolvimento urbano do Rio de Janeiro deu-se muito em função das direções tomadas pelas classes mais favorecidas, conforme Flávio Villaça¹². Primeiramente na direção interiorana ao longo do eixo Centro-São Cristóvão – eixo de ligação do Paço Imperial à Quinta da Boa Vista, residência da corte portuguesa –, esse fenômeno logo mudou de direção para a orla da zona sul, em busca do clima mais aprazível e das melhores condições ambientais à beira-mar.

Os principais e vultosos investimentos no sistema viário e na urbanização da cidade foram feitos pelo poder público, direcionados a essas camadas por um longo tempo. O autor descreve e explica, de forma pormenorizada, a estruturação da cidade do Rio de Janeiro, a partir de seu centro e os movimentos realizados pelas burguesias em direção à zona sul. Especialmente a evolução da área de entorno do largo do Paço – antigo nome da praça XV (Figura 5), objeto de análise deste trabalho, configura valiosa fonte teórico-conceitual na explicação das transformações da estruturação urbana e da ocupação do centro do Rio, marcadamente diferenciada, em termos sociais e econômicos.

Na primeira década do século XX a cidade se transformou intensamente, com grandes obras públicas de saneamento e embelezamento, de ampliação do porto e de melhorias nos sistemas de circulação e transporte público. Com inspiração *haussmaniana* e total apoio do governo federal, o prefeito Pereira Passos se empenhou na modernização da capital do país e na construção de uma nova imagem internacional para fazer frente à sua maior rival, Buenos Aires. Complementarmente, obras de saneamento e ações de saúde pública buscavam a erradicação das doenças endêmicas – como o tifo – cujas epidemias dizimavam a população e assustavam o comércio internacional.

Dentre as principais transformações ocorridas estão: a) o Morro do Castelo – marco de fundação da cidade – inteiramente arrasado para dar lugar à esplanada do Castelo, hoje

densamente ocupada nos moldes do Plano Agache; b) a abertura da avenida Central – hoje Rio Branco – para melhor interligar o centro em direção à zona sul, a partir do porto; hoje, sua importância se mantém como o coração financeiro-administrativo da cidade; c) a abertura da avenida Presidente Vargas representou forte marco político de então, mas exigiu a demolição do casario residencial que ocupava uma enorme área considerada insalubre (Figuras 6 e 7).

Até a abertura da avenida Central, a rua Direita (hoje Primeiro de Março) – que limita a área em análise – foi a mais importante via da cidade, concentrando atividades relacionadas ao comércio internacional, setor financeiro e serviços em geral. Além disso, foi o principal eixo de ligação das zonas norte e sul da cidade.

Outra importante transformação na paisagem local foi a construção do Elevado da Perimetral – imenso viaduto que liga o aterro à avenida Brasil ao longo e paralelo à faixa costeira. Na década de 1990, o projeto proposto pelos arquitetos Oriol Bohigas e Nuno Portas previa sua demolição e um redesenho de toda a área da praça XV. Esse projeto foi realizado apenas em parte, com a construção do Mergulhão – pista de rolamento subterrânea sob o trecho da Perimetral em frente da Estação das Barcas – e para a reunificação da grande praça até a linha d'água, com a eliminação da rua e das paradas de ônibus intermunicipais que existiam sob o viaduto (Figuras 7a e 12).



Figura 5:
Praça XV com Estação das Barcas, em 1920
Fonte: VIANA, L. F. Imagens da aviação naval 1916-1923. Rio de Janeiro: Argumento, 2001



Figura 6:
Mapa do centro da cidade no início do século XIX
Fonte: CHAMBERLAIN, T. Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1920. São Paulo: Kosmos, 1943



Figura 7A:

Principais transformações ocorridas: a) arrasamento do Morro do Castelo; b) abertura da avenida Central; c) abertura da avenida Presidente Vargas

Crédito: Desenho da autora sobre orthofoto da SMU – Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro

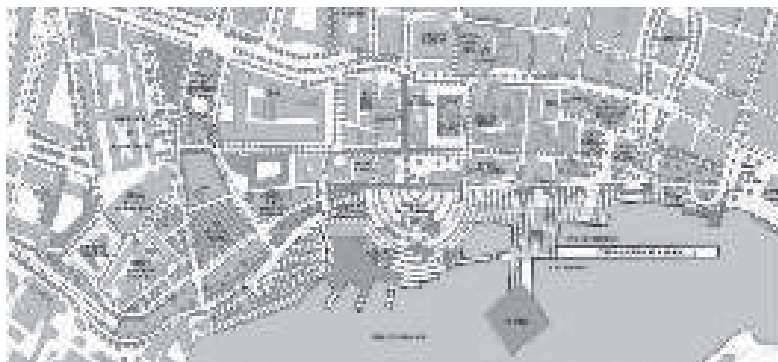


Figura 7B:

Projeto Frente Marítima, por Oriol Bohigas e Nuno Portas

Fonte: Acervo da SMU – Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro

Com o progressivo abandono do centro pelas burguesias no início do século XX, um vasto patrimônio edilício foi sendo deixado para trás, dando início a um processo de deterioração desses imóveis. Seu conseqüente esvaziamento e desvalorização ocorreram por não mais atenderem às demandas das classes mais favorecidas que buscavam novas localizações¹³ e por não mais se adequarem ao funcionalismo preconizado pelo modernismo. Ao longo da segunda metade do século, novos arranha-céus e altas torres comerciais e institucionais foram sendo erguidos no lugar do casario histórico ou sobre as novas esplanadas criadas artificialmente.

Ainda assim, o centro do Rio vem se mantendo como pólo de atração financeiro, comercial e institucional e pode ser considerado centro principal e articulador em relação a outros bairros e subcentros. Nesse sentido, Flávio Villaça propõe: “a única explicação possível para o fato de partes significativas das elites cariocas ainda usarem o centro do Rio é uma só: a força da tradição e das monumentalidades herdadas do passado.”¹⁴

Na década de 1980, com a intenção de revitalizar e renovar os grandes conjuntos históricos que permaneciam – apesar da permissividade da legislação urbanística e edilícia que tornava possível seu total arrasamento e substituição –, a prefeitura, apoiada pela iniciativa privada e pressionada pela comunidade, lançou o Projeto Corredor Cultural. Assim se promoveu, desde então, novas transformações desses fragmentos da área central, por meio da revisão do projeto de alinhamento, de incentivos fiscais para os proprietários que recuperassem seus imóveis conforme os princípios do projeto, da revisão de traçados viários e reurbanização de áreas públicas, e da criação de ruas de pedestres nas áreas de comércio popular¹⁵.

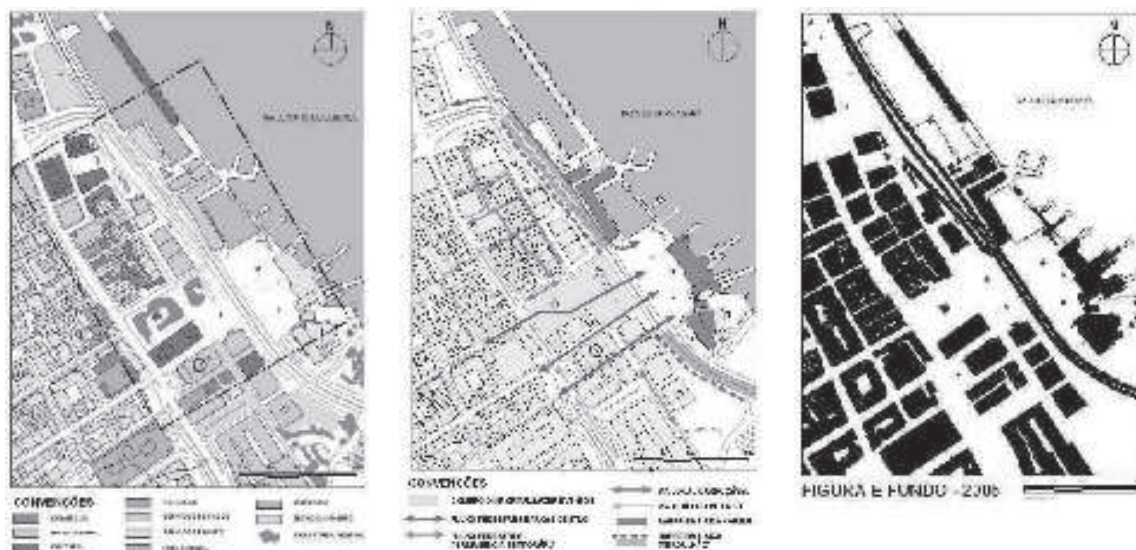
ESTRUTURA MORFOLÓGICA BÁSICA

Para o conhecimento da área em estudo e sua lógica de ocupação e funcionamento, foram realizados levantamentos de suas características físicas e análise de documentação

histórica, fontes iconográficas e cartográficas. Uma primeira observação atenta dos mapas de “Usos e Funções”, “Fluxos e Circulações” e “Figura e Fundo” (Figuras 8, 9 e 10) permite a identificação de algumas características morfológicas da área em estudo.

A comparação do tecido da área em dois diferentes momentos demonstra que houve pouca ou nenhuma variação no traçado das vias e no parcelamento dos lotes. A permanência desse traçado teve como contraponto a substituição de parte do casario por edifícios em altura, confirmando a tendência de longevidade das estruturas urbanas em relação aos elementos arquitetônicos, mais perecíveis. Apesar da aparente permanência de diversos sobrados, especialmente do trecho da travessa do Comércio, em muitos deles foram conservadas apenas as fachadas que mantêm a ambiência e a escala humana, disfarçando os edifícios modernos que se elevam por trás delas. Dois exemplos são o edifício erigido sobre o Arco do Teles (Figura 23) e o Edifício Cândido Mendes (Figura 25), ambos aprovados pelo antigo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), na gestão Lucio Costa.

O gabarito, nesse trecho, é predominantemente baixo, com variações de volume das edificações (Figura 15). Em função de sua proximidade com o centro financeiro, os contrastes logo se tornam visíveis, pois, a partir da rua Primeiro de Março, começam a aparecer, de forma maciça, torres de vidro e edifícios em altura que passam a dominar a paisagem do centro. O perfil, a seguir, demonstra essa diferenciação na altura das edificações, a qual pode ser considerada uma primeira dicotomia entre o centro e a área em estudo (Figura 11). Em relação aos usos, percebe-se a presença de atividades culturais concentradas nesse trecho. Quanto aos fluxos, torna-se aparente um aspecto dicotômico demonstrado pelo grande fluxo de pedestres entre as barcas e o centro, em relação ao leve fluxo de pedestres observado na travessa. No último mapa, aparece a dicotomia entre o grande espaço livre que caracteriza a praça XV e o estreito parcelamento do tecido representado pela travessa do Comércio.



Figuras 8, 9 e 10: Mapas de “Usos e Funções”, “Fluxos e Circulações” e “Figura e Fundo”, com os levantamentos e mapeamentos das características físicas da área em estudo

Créditos: Desenhos da autora

Em todos os mapas fica claro o distanciamento da água em função das várias barreiras físicas e visuais, representadas pelo Elevado da Perimetral, pelos edifícios construídos muito próximos à linha d’água e por partes do Mergulhão que geram espaços vazios, hostis e desabitados na área (Figuras 12 e 13). Assim, apesar da proximidade com o mar, esse fato não confere atrativo, pois a área é segregada da linha d’água por essas barreiras, impedindo a fruição desse elemento tão importante e tão presente na cidade.

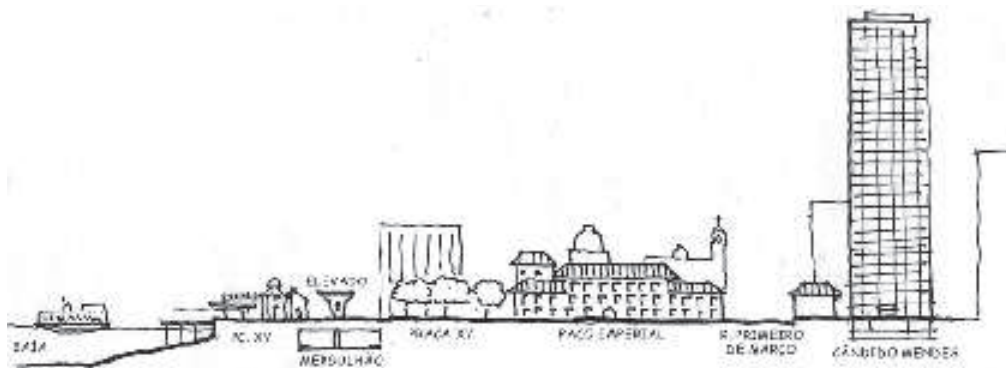


Figura 11: Perfil da praça XV transversalmente ao mar, com as variações tipológicas e de gabarito presentes
Crédito: Croquis de Jean Pierre Janot

A partir dessa breve análise, serão apresentados e descritos, mais detalhadamente, outros aspectos da morfologia urbana e as principais dicotomias encontradas em relação aos dois espaços públicos selecionados – a praça XV e a travessa do Comércio.

HIERARQUIA DO TECIDO URBANO

É interessante observar que a denominação das duas áreas já apresenta uma dicotomia, pois se trata de um “largo” ou “praça” e uma “travessa”. José Lamas distingue *largos* de praças, considerando que os primeiros são “resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados”. Já a praça representa “o lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”¹⁶. Há, assim, uma certa coerência da mudança de denominação de largo do Paço para praça XV, ocorrida provavelmente após a Proclamação da República. Quanto ao termo *travessa*, este pressupõe uma via transversal mais estreita em relação às principais, de trânsito leve e ainda na função de travessia, ou ligação de um ponto a outro. Assim, não apenas os termos e seus significados, mas também os espaços públicos que os representam neste estudo são hierarquicamente dicotômicos.



Figura 12: Trecho de barreira física e visual causada pela Perimetral e pelo Mergulhão, com estreita passagem de acesso à praça XV junto do Edifício da Conab

Crédito: Autora



Figura 13: Edifício da Conab construído junto do antigo Cais do Mercado, hoje desativado e sem função. O aspecto sujo e deteriorado dessas águas não convida o olhar à contemplação e à fruição, apesar de ser o cais, hoje, o único ponto de contato direto da praça XV com as águas da baía de Guanabara

Crédito: Jean Pierre Janot



Figura 14: Mapa de Permanências e Transitoriedades. A investigação revelou não apenas dois, mas a existência de três espaços distintos: o primeiro, mais próximo ao Paço (1), revela aspectos dicotômicos em relação à outra metade da praça XV, entre o Elevado e a Estação das Barcas (2); o último (3) configura a travessa do Comércio
Crédito: Desenho da autora



Figura 15: Mapa de Tipologias, com a indicação das diferenças existentes em termos de gabarito, volume e importância das arquiteturas monumentais e sua inserção no espaço público em relação ao parcelamento e estrutura urbana reticulada dos sobrados históricos do quadrilátero da travessa do Comércio
Crédito: Desenho da autora

ESPAÇOS LIVRES COMO ELEMENTOS DE DESENHO DA PAISAGEM

Função e programa

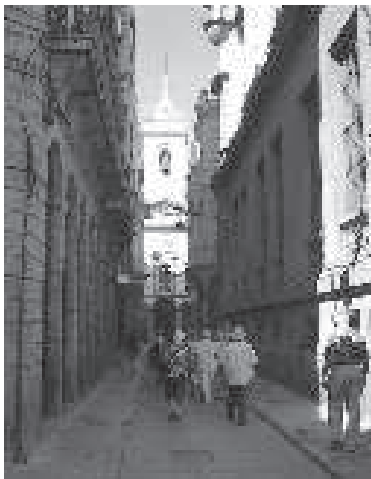
Na área de entorno da praça XV, diferentemente de outras áreas centrais – cujo predomínio são as atividades institucionais, comerciais e de serviços – as atividades culturais e de lazer se tornam evidentes, existindo em funcionamento, ali, seis centros culturais, inúmeros bares e restaurantes. Esses espaços se tornam palco de grandes eventos, exposições de arte, shows de música e dança, mostras, abrigam cinemas e teatros; e os bares e restaurantes, além de alimentação, oferecem música ao vivo e dança. Atraem para o lugar, não apenas trabalhadores e usuários do centro na hora do almoço, mas pessoas de todas as partes do Rio, e também turistas nacionais e internacionais, em busca de diversão, cultura e entretenimento.

Nesse sentido, a travessa do Comércio e a rua dos Mercadores cumprem um papel fundamental como eixo de ligação entre o Paço Imperial – marco referencial e simbólico da imagem da praça XV – e o Centro Cultural do Banco do Brasil. Na primeira, assim como em suas transversais, concentram-se os bares e restaurantes citados, que conferem o caráter de transitoriedade ao lugar. Durante o dia cumprem a importante função de *corredor cultural* e à noite se transformam em espaço de permanência temporária, com a instalação de mesas e cadeiras e apropriação do lugar pela boemia nas horas após o expediente normal (Figura 15).

A grande praça Mineral¹⁷, configurada pela praça XV (Figura 16), tem como principal função – a despeito de seu caráter simbólico e imagético perante a cidade como um todo – a ligação das barcas ao centro e a outros meios de transporte: ônibus, vans e metrô. O trânsito intenso de pessoas, em seus trajetos de casa para o trabalho e vice-versa, favoreceu o surgimento do comércio informal (camelôs) que se instala durante a semana e de modo rarefeito nas proximidades da rua Primeiro de Março. Outras apropriações ocorridas na praça, de modo transitório e espacialmente definido – principalmente nos fins de semana e no trecho arborizado entre o Paço e o Elevado – é sua transformação em pista de skate, quando a área é tomada por jovens e adolescentes, e como local de eventos e shows artísticos.



*Figura 16: Praça XV com Paço Imperial – palacete em estilo colonial e um dos marcos do lugar – com circulação de pedestres durante a semana
Crédito: Autora*



*Figura 17: Rua dos Mercadores como percurso turístico cultural nos fins de semana; note-se a torre da Capela dos Mercadores como ponto focal
Crédito: Autora*

Tipologias

Apesar das grandes transformações ocorridas na cidade como um todo, essa área permaneceu incólume; em termos de desenho e traçado urbano vem mantendo muitas de suas características originais do período colonial. O neoclassicismo desse período e o ecletismo característico do período republicano, na virada dos séculos XIX e XX, são os estilos que predominam nesse trecho do centro histórico.

As tipologias edilícias da praça XV possuem características monumentais e simbólicas e situam-se, em geral, em centro de terreno, não configurando um *continuum* com outras edificações. Observa-se a presença de inúmeros marcos e monumentos arquitetônicos, tais como a Estação das Barcas, o Chafariz do Mestre Valentim (Figuras 18 e 19) e o Arco do



Figuras 18 e 19: Marcos referenciais do lugar: a Estação das Barcas, edifício eclético de fins do século XIX e o Chafariz do Mestre Valentim, que remonta ao período colonial e determina a linha d'água original, hoje bastante recuada em função dos aterros

Créditos: Autora

Teles. Entretanto, devido às dimensões e proporções dessas arquiteturas – o Paço Imperial, residência oficial da família real portuguesa, o Convento do Carmo e as igrejas que o ladeiam – determinam a geometria retangular da praça e podem ser considerados marcos referenciais e imagéticos do lugar¹⁸ (Figuras 16 e 22).

O Arco do Teles é uma passagem sob um sobrado colonial que remonta ao século XVIII. Na década de 1970, em estado de abandono e deterioração, o sobrado seria demolido. Porém, ao contrário, foi protegido e recuperado, com a permissão do Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), pela iniciativa privada que, em contrapartida, pode construir sobre o mesmo um edifício em altura, moderno, e sem qualquer relação com o antigo casarão¹⁹ (Figuras 20 e 21).



Figuras 20 e 21: Arco do Teles como “corredor cultural” durante o dia e, à noite, apropriado pela boemia carioca
Créditos: Autora

O traçado e parcelamento das quadras entre o Paço e o Centro Cultural do Banco do Brasil – cortadas pela travessa do Comércio e rua dos Mercadores – é remanescente do período colonial. Ao contrário da praça XV, nesse trecho as vias são estreitas e as testadas do casario de até três pavimentos coincidem com os limites frontais dos terrenos. As fachadas coladas umas às outras, a escala reduzida do casario e o pequeno desvio entre as duas vias, configuram-nas como um recinto linear e fechado, criando, assim, uma ambiência propícia à apropriação. Os edifícios modernos em altura, os quais ocuparam alguns desses lotes na década de 1970, mantiveram o parcelamento original, ainda que os resultados obtidos possam ser questionados em se tratando da volumetria, ritmo e padrão, gerando contrastes e rupturas em relação às edificações históricas.

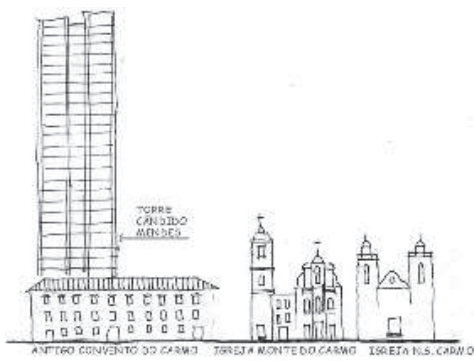
RELAÇÃO FORMAL E FUNCIONAL COM O ENTORNO

Praça XV / Largo do Paço

Ao longo da pesquisa, dois espaços distintos e dicotômicos foram identificados na praça XV (Figura 14). O primeiro, mais próximo ao Paço, e, o outro, definido pela ampla área livre entre o elevado e as barcas. Assim, passaremos a utilizar os termos “largo” e “praça” para denominar cada uma delas em função de suas características, conforme já visto – praça XV para o primeiro, mais simbólico e significativo, ao qual este estudo dará ênfase, e largo das Barcas para o segundo espaço (Figura 24).

A geometria da praça XV é conformada por arquiteturas monumentais já citadas, cujas tipologias e estilos se assemelham e harmonizam-se. Esse sentido de fechamento e a presença da densa arborização configura esse espaço público e aberto como um *recinto* urbano aconchegante e atraente (Figuras 16 e 22). A cobertura vegetal cria um efeito de “teto”, minimizando

o peso das torres e dos edifícios em altura próximos, especialmente a Torre Cândido Mendes (Figura 23). Há uma forte relação formal desse ambiente urbano e dos edifícios que demarcam sua geometria. Isso se acentua com as proporções e tipologias arquitetônicas dos edifícios, além do significado histórico e simbólico do lugar – palco de importantes acontecimentos na vida da cidade. Entretanto, a escala monumental da praça indefensável, a própria monumentalidade dos edifícios que a conformam, a proximidade com a via de intenso movimento, a existência do viaduto e a inexistência de mobiliário urbano, dificultam ou impossibilitam sua apropriação pela população como um lugar de permanência.



Figuras 22 e 23: Croquis nos quais um dos lados que conformam a praça XV com o Convento do Carmo – em cujo pátio foi construída a Torre Cândido Mendes – e as igrejas do Carmo e da Ordem Terceira. A torre surge sobre as árvores, com a elevação do olhar, não interferindo na percepção harmônica do lugar

Créditos: Autora

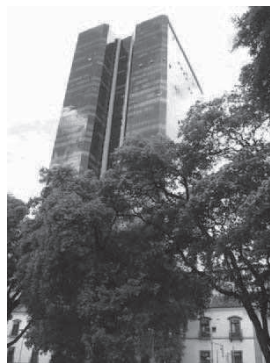


Figura 24: A praça XV, dividida espacialmente pelo Elevado, é configurada por dois espaços dicotômicos, formal e funcionalmente – a praça XV propriamente dita e o largo das Barcas

Crédito: Autora

Arco do Teles / Travessa do Comércio

O espaço estudado definido pelas duas vias – travessa do Comércio e rua dos Mercadores – tem um de seus acessos pelo Arco do Teles, ponto de comunicação entre essas vias e a praça XV, a configurar marco referencial e histórico da praça XV. A partir do arco, as tipologias dos sobrados em estilo eclético, a escala mais humana das vias, a textura e riqueza decorativa das fachadas, o padrão de cheios e vazios das aberturas e vãos e a idéia de espaço resguardado e protegido, definem o cenário e a ambiência mais que adequados à apropriação e ao uso cotidiano. A via – que durante o dia é corredor de circulação –, à noite é ocupada pelos diversos bares e restaurantes que ali se instalaram após a implementação do Projeto Corredor Cultural. Mesas e cadeiras são dispostas sobre a pavimentação em paralelepípedo e a céu aberto – atraindo um grande número de pessoas que fogem dos horários de *rush* e ali permanecem até a madrugada. A relação funcional com a via é total nesse momento em que os interiores dos sobrados confundem-se com o exterior e transformam-nos em um único e festivo lugar (Figuras 25 e 26).

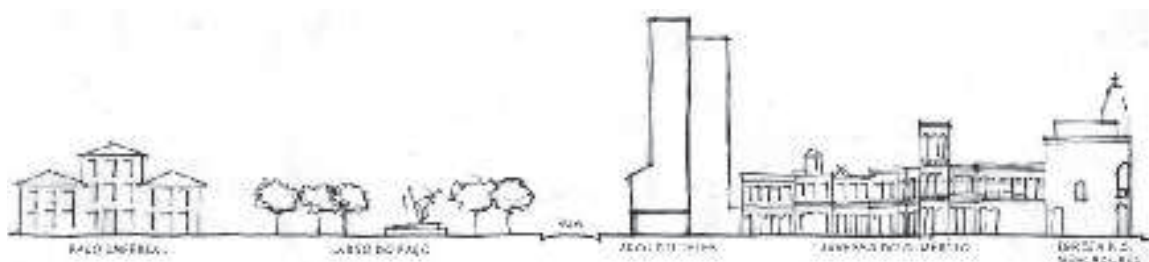


Figura 25: Croquis com perfil da praça XV e travessa do Comércio. Note-se a proporção e volume do edifício moderno construído sobre o Arco do Teles

Créditos: Croquis da autora



Figura 26: Visão serial ²⁰ – Registros fotográficos feitos a partir da travessa até o Arco do Teles, com a praça XV ao fundo. A rica textura, a variedade cromática e os cheios e vazios das fachadas distinguem essa da outra área em estudo

Créditos: Autora

O quadro a seguir apresenta um resumo das principais dicotomias que puderam ser observadas ao longo do estudo realizado.

Praça XV	Travessa do Comércio / R. Mercadores
Importância e significado histórico e cultural: palco de importantes fatos da vida da cidade	Via local estreita: travessia e fluxos turísticos
Permanência histórica e constância de funções: fluxo de pedestres na direção barcas-centro	Transitoriedade: usos diferenciados espacial e temporalmente; intensa vitalidade noturna
Marcos referenciais em destaque no espaço público: Paço Imperial, Chafariz do Mestre Valentim, Arco do Teles, Estação das Barcas	Homogeneidade e constância de tipologias; riqueza e variedade de texturas e cores; ritmos das fachadas e fenestrações
Ponto nodal ²¹ – nó ou confluência e cruzamento de fluxos diversos	Percurso ²² – principal função diurna é a circulação e eixo de ligação entre centros culturais
Edifícios do período colonial conformam três lados da praça: Paço, Convento e Arco do Teles; idéia de recinto também pela cobertura vegetal	Sobrados do período eclético; escala reduzida: espaço como recinto fechado; ambiência agradável
Presença de modernas torres de vidro que pouco interferem na percepção do ambiente	Existência de edifícios modernos em altura que pouco interferem na leitura espacial
Grandes espaços livres; sem definição de lote; edifícios em centro de terreno	Vias estreitas; parcelamento com testada reduzida e maior profundidade; ocupação total do lote
Intensa relação formal do edifício com o espaço	Intensa relação funcional do casario com a via
Poucos elementos decorativos, monocromáticos; piso granítico em grandes placas	Riqueza de elementos decorativos e ritmo de fachadas pela fenestração; piso em paralelepípedo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu analisar o desenho da paisagem de dois lugares da cidade do Rio de Janeiro – a praça XV e a travessa do Comércio – confrontando os aspectos formais e funcionais e levantando suas dicotomias e aspectos harmônicos. A inclusão da abordagem *experiential* da *cognição* e a atitude de *observador incorporado* à experiência do lugar, dos sujeitos da ação e das interações que acontecem, objetivou enriquecer a pesquisa, a análise das informações coletadas e a compreensão dos fenômenos que ali ocorrem.

O importante agora a ser questionado é: qual a imagem que as pessoas têm do lugar? Para elas, qual é o significado desses lugares? Como ocorre ou existe alguma interação dos indivíduos com o ambiente que percorrem diariamente ou no qual, por qualquer razão, permanecem? Como o desenho urbano contribui para a qualidade percebida e vivenciada do lugar?

Sobre os lugares estudados, fica a certeza de sua permanência, o resgate de sua memória e seu significado histórico e cultural serem intrínsecos à cidade como um todo – podem ser percebidos e vivenciados por aqueles que os visitam e percorrem seus caminhos – as formas do passado, a conjugação do ambiente urbano com a arquitetura histórica, a relação harmônica dos aspectos formais e tipológicos presentes.

Por sua vez, as dicotomias encontradas entre esses dois lugares públicos agregam valor e qualidade ao lugar, uma vez que, em muitos aspectos, apesar de contrários, são complementares – como o espaço aberto e amplo da praça em contraposição ao espaço fechado e estreito da travessa. As dicotomias geram ambiências diferenciadas e ricas e permitem sua apropriação de formas distintas.

Finalmente, torna-se necessário enfatizar que a preservação ou permanência desses conjuntos históricos na cidade não deve deixar de lado sua dinâmica urbana, e muito menos as transformações geradas pelo fenômeno urbano contemporâneo. Vivemos o presente nessa metrópole que guarda verdadeiros tesouros de sua história e de sua memória. As intervenções – como as implementadas pelo Projeto Corredor Cultural – devem conciliar esses aspectos interdependentes, de modo a não caminhar para a espetacularização – tendências da sociedade contemporânea – ou à transformação em cenário estático e sem vida. Buscar os caminhos da renovação com respeito ao lugar e à preservação de sua história e de seus símbolos, reinterpretando-os e conferindo-lhes novos significados e identidades, deve ser uma das premissas para o desenvolvimento urbano.

Notas

- (1) VARELA; THOMPSON; ROSCH, *A mente incorporada – Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- (2) Os estudos sobre a *cognição experiencial* e a *observação incorporada*, atitudes que permeiam todo o processo do estudo sobre o lugar – proposta pelo Grupo Pró-Lugar do PROARQ-FAU-UFRJ e coordenado por Paulo Afonso Rheingantz –, fundamentam-se no programa *enactivo* ou *atuacionista* da cognição, proposto por VARELA; THOMPSON; ROSCH.
- (3) Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- (4) VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*.
- (5) ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*.
- (6) CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*.
- (7) LYNCH, K. *A imagem da cidade*.
- (8) LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e o desenho da cidade*.
- (9) DEL RIO, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*.
- (10) ALCANTARA, D. de. *Projeto, desempenho urbano e construção do lugar – Avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle*, Rio de Janeiro.
- (11) A expressão *cognição experiencial* foi proposta pelo Grupo Pró-Lugar (PROARQ-FAU-UFRJ), por sugestão da doutora Rosa Pedro, que vem estudando a cognição com enfoque *enactivo* para aplicação da *observação incorporada*, como método de pesquisa sobre o ambiente construído.
- (12) VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*.
- (13) Op. cit.
- (14) Op. cit., p. 292.
- (15) Para um estudo mais aprofundado sobre o Projeto Corredor Cultural, ver PINHEIRO, A. Corredor cultural, um projeto de preservação para o Rio de Janeiro. In: *Anais do II Sedur – Seminário sobre Desenho Urbano no Brasil*, Sedur. São Paulo: Pini, 1986, p.187-201. PINHEIRO, A.; DEL RIO, V. Corredor cultural: Um distrito de preservação no centro do Rio de Janeiro, Brasil. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, Spring, v. 4, n. 2, 1993; Instituto Municipal de Arte e Cultura. *Corredor Cultural: Como recuperar, reformar ou construir seu imóvel*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2002.
- (16) LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e o desenho da cidade*, p. 101-102.
- (17) Por “praça mineral” entende-se que sua pavimentação é total e feita com material mineral.

- (18) Conforme Kevin Lynch, são cinco os principais elementos estruturadores da imagem mental: *marcos, nós, limites, percursos e setores*. LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- (19) Para a história pormenorizada do processo de tombamento do Arco do Teles, ver GUIMARAENS, C. *Paradoxos entrelaçados – As torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- (20) CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*.
- (21) LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*.
- (22) Op. cit.

Bibliografia

- ABREU, Maurício de. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. IPLANRIO. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- ALCANTARA, Denise de. *Projeto, desempenho urbano e construção do lugar – Avaliação da qualidade ambiental do Parque Guinle*. 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- CULLEN, Gordon. *Paisagem urbana*. Lisboa: Edições 70, 1996.
- DEL RIO, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: Pini, 1990.
- GUIMARAENS, Ceça. *Paradoxos entrelaçados – As torres para o futuro e a tradição nacional*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.
- LAMAS, José M. R. G. *Morfologia urbana e o desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1992.
- LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- NORBERG-SCHULZ, Christian. *Genius loci: Towards a phenomenology of architecture*. Londres: Academy Press, 1979.
- PINHEIRO, A.; DEL RIO, V. Cultural corridor: A preservation district in downtown Rio de Janeiro, Brasil. *Traditional Dwellings and Settlements Review*, Berkeley: Spring, v. 4, n. 2, 1993.
- THOMPSON, Evan. *Human consciousness: From intersubjectivity to interbeing*. Disponível em: <<http://www.york.ca/evant>>. Acesso em: maio 2004.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. São Paulo: Difel, 1980.
- VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleonor. *A mente incorporada – Ciências cognitivas e experiência humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1998.

